

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

SNS USADOS COMO RÓTULOS E ANÁFORAS INDIRETAS EM CARTAS DE LEITORES DE JORNAIS CARIOCAS

Alaine Lazaroni Coelho de Melo

alainelazaroni@yahoo.com.br

Fabíola Hernandez Pereira

faby1999@hotmail.com

Vera Lúcia Paredes da Silva

veraparedes@terra.com.br

Esta pesquisa está centrada em sintagmas nominais que funcionam como rótulos em cartas de leitores de jornais cariocas. Rotulação ou encapsulamento é, segundo Francis (1994) e Koch (2001), um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de porções textuais precedentes ou subsequentes, ou seja, os rótulos podem funcionar tanto anafórica como cataforicamente. Pelo encapsulamento anafórico, um novo referente discursivo é criado sobre a base de uma informação velha: ele se torna o argumento de predicacões anteriores. Pelo encapsulamento catafórico, um novo referente discursivo é introduzido e este servirá como uma espécie de introdutor para uma porção textual seguinte: ele se torna o argumento de predicacões subsequentes.

Como se vê em:

Exemplo I

Melhoria não foi realizada

Os moradores de Estrada Aterrado do Rio, que fica próximo à Estrada do Magarça em Guaratiba, *gostariam de saber por qual motivo foram esquecidos pelos órgãos responsáveis pela urbanização. A situação do local é precária, enquanto as ruas da vizinhança já foram asfaltadas. Qual seria o motivo dessa discriminação?* (Extra)

Exemplo II

Urso Branco

Uma das exigências dos rebeldes em Porto Velho é o retorno *das regalias*. Realmente quem vive em barracos, palafitas e guetos no Brasil é tolo. Basta cometer um crime. *Ele terá abrigo, três refeições diárias, banho de sol e, às vezes, até mesmo TV.* (Jornal do Brasil)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

No exemplo número I, podemos observar a presença de um rótulo anafórico, como é o caso de “dessa discriminação” que retoma o fato de serem esquecidos pelos responsáveis pela urbanização. Já no exemplo II, aparece um rótulo catafórico, como “das regalias” que aponta para as vantagens de um presidiário em Porto Velho.

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, gostaria de descrever o gênero de discurso utilizado como *corpus*.

De acordo com Paredes Silva (1988), é preciso reconhecer que o gênero carta é muito abrangente, uma vez que o espaço interno da carta está aberto a qualquer tipo de comunicação. Assim podemos observar que as cartas de leitores apresentam propósitos comunicativos variados (reivindicação, reclamação, pedido, expressão de uma opinião) e tipos de textos distintos (argumentativo, descritivo, narrativo).

Já que se trata de um tipo distinto de carta, uma vez que é enviada ao jornal e, em seguida, veiculada por este, não posso deixar de ressaltar algumas características desse suporte – o jornal impresso. De acordo com Marcuschi (2002), Podemos perceber que o suporte é uma espécie de elemento em que o gênero se fixa e que está encarregado de pôr esse gênero em circulação. É importante destacar também que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele.

Este trabalho analisa e compara o uso de rótulos no gênero cartas de leitores de distintos jornais cariocas, a saber: *O Globo* (seções Cartas dos leitores e Mala Direta), *Jornal do Brasil* e *Extra*. O *corpus* está distribuído como na tabela abaixo e como se vê não temos nem uma média de um rótulo por carta:

	Número de cartas	Número de rótulos	Média dos rótulos por cartas
JB	116	51	0.4
O Globo	189	73	0.4
Mala Direta	74	45	0.6
Extra	213	56	0.2
Total	592	225	

Vale ressaltar algumas características formais e de conteúdo das cartas em cada um desses jornais. As cartas da seção de Leitores do JB e de *O Globo* são mais longas e os tópicos abordados são mais variados, girando em torno de temas políticos, religiosos, econômi-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

cos etc., que já foram previamente veiculados pelo jornal. Além dessas, temos cartas de *O Globo* que se encontram na seção “Mala Direta” que abordam dificuldades por que passam os leitores, principalmente em relação a empresas. As cartas do *Extra* são as mais curtas, em comparação com as cartas dos demais jornais, e, geralmente, reivindicam prestações de serviço, estando mais voltadas para problemas do bairro ou da rua do leitor.

Vejamos um exemplo de cada tipo de carta:

Exemplo III

Rocinha

Ora, seu Alberto Dines, os que servem a bandidos, são bandidos. Não há outra palavra: são bandidos. Se quisermos acabar com *essa situação*, temos que deixar de hipocrisias ao nos referimos ao assunto, e encarar o inimigo de frente. Se fôssemos um país com o mínimo de decência, esses 500 bandidos seriam, no ato, presos e, em seguida, processados. Somos uma nação de fracotes, onde todos querem uma solução milagrosa que não afete os interesses de ninguém, até dos traficantes. Se quiserem acabar com o cancro que é a Rocinha e similares, temos de pensar em criar leis de exceção, próprias a um estado de guerra. (*Jornal do Brasil*)

Exemplo IV

Tragédia na Lagoa

A publicação das fotos do desastre na Lagoa, embora fortes, tem um *efeito positivo*, depois de vê-las, muitos pais pensarão antes de dar as chaves de carros a filhos adolescentes. Tenho um casal de filhos e também dei as chaves do carro a eles quando eram adolescentes. Felizmente, os dois detestam bebidas alcoólicas, o que não quer dizer que não podiam ter sido vítimas de algum desastre, porque adolescente, em geral, se acha invencível e imune a tudo. Dei sorte. Emocionei-me com a dor desses pais e faço a mesma sugestão do leitor José Lúcio P. Geraldí. E não acho que o jornal errou ao publicar tais fotos. Foi um sinal de alerta. O mundo não é tão cor-de-rosa assim, como pensam leitores que preferem não ver a realidade. (*O Globo*)

Exemplo V

Concerto demorado

No dia 21 de abril, ao chegar em casa, encontrei um buraco enorme em frente a minha garagem. O esgoto tinha estourado, vazava muita água e o cheiro era muito ruim. Liguei para a Águas de Niterói e após duas horas de tentativas consegui reclamar. Só fui atendido no dia 26 de abril,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

e durante esse tempo não pude usar minha garagem, tendo que deixar meu carro na rua. Novamente, no dia 1º de maio, quando estou preparado para sair com minha família de carro, sou impedido por esse mesmo que agora parece maior. Estou ilhado dentro da minha própria casa, pois não consigo tirar o meu carro. Já fiz vários contatos com a Águas de Niterói e até agora eles não mandaram ninguém para solucionar o *problema*. (*Globo / Mala Direta*)

Exemplo VI

Alagamentos no Rocha Freire

Sou morador da Rua Rocha Freire, no bairro Irajá e gostaria que a Cedeae fizesse uma vistoria no local porque a tubulação está com *problemas*. Quando chove muito, os esgotos entopem, transbordam e deixam as casas alagadas. Peço providências, com urgências, pois não suporto mais ter que tirar água da minha varanda. (*Extra*)

Os rótulos podem ser introduzidos por um artigo definido ou por um pronome demonstrativo. A Profa. Vera Paredes vem investigando essa alternância em SN's em vários gêneros jornalísticos. Neste trabalho também focalizamos essa alternância no gênero cartas de leitores.

De acordo com Zamponi (2001), há circunstâncias em que o artigo definido e o pronome demonstrativo são formas determinantes em variação livre. Como a perspectiva variacionista desconfia desse tipo de pensamento, visto que a variação se apresenta de modo estruturado e sistemático, aplicamos uma análise variacionista a essa alternância, para observar as escolhas do emissor e os contextos preferenciais de uso de artigo e demonstrativo.

Rótulos introduzidos por artigo	119 / 176	67,6%
Rótulos introduzidos por demonstrativos	57 / 176	32,4%
Total	179	100%

Tabela 1 Distribuição geral do artigo e do demonstrativo no *corpus*

No *corpus* investigado a distribuição entre artigo e demonstrativo nos jornais se fez da seguinte maneira:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

	Artigo	Demonstrativo	Total
	%	%	
JB	46%	53%	100% = 39
O Globo	74%	25%	100% = 58
Mala Direta	83%	16%	100% = 36
Extra	65%	34%	100% = 43

Tabela 2 –

Distribuição do uso de artigo e demonstrativo em rótulos dos jornais analisados.

Controlamos vários fatores linguísticos: se o rótulo era introduzido por artigo ou por pronome demonstrativo (variável dependente), se o rótulo era anafórico ou catafórico; a semântica do nome núcleo (segundo classificação de Koch, nomes gerais, metalinguísticos e de processo mental); sua função sintática (se era sujeito, objeto ou adjunto); o caráter avaliativo ou descritivo do rótulo; se apresentava ou não algum elemento modificador e o tipo de texto (se estava inserido em uma sequência argumentativa, narrativa ou descritiva), como fatores internos; e o jornal como fator externo.

A seguir, podemos observar os resultados da rodada realizada através do programa GOLDVARB, programa que analisa a regra variável. Do ponto de vista de artigo vs. pronome demonstrativo, os grupos função sintática, modificado ou não e semântica do nome núcleo não foram selecionados. Entretanto, é válido ressaltar que os rótulos mais gerais são os que predominam, uma vez que eles representam 61% do total dos rótulos coletados.

Os grupos de fatores selecionados como os de maior significância na escolha entre artigo ou demonstrativo foram: o tipo de texto e se o rótulo era anafórico ou catafórico.

Nesta primeira tabela, podemos verificar que no fator tipo de textos há uma tendência ao maior uso do artigo em SNs como rótulos em sequências narrativas.

	Artigo		
	Apl./Total	%	P.R
Argumentativo	54 / 96	56%	.32
Descritivo	22 / 34	64%	.39
Narrativo	43 / 46	93%	.87

Tabela 3 – **Influência do fator tipo de texto no uso do artigo em rótulos**

No exemplo abaixo, podemos observar que o tipo de texto predominante na carta é o narrativo, uma vez que percebemos locali-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

zação temporal, sucessões de fatos no passado, verbos conjugados no pretérito perfeito. Por ser um texto essencialmente narrativo, há uma preferência pelo uso do artigo definido diante do rótulo (*o* problema).

Exemplo VII

Concerto demorado

No dia 21 de abril, ao chegar em casa, encontrei um buraco enorme em frente a minha garagem. O esgoto tinha estourado, vazava muita água e o cheiro era muito ruim. Liguei para a Águas de Niterói e após duas horas de tentativas consegui reclamar. Só fui atendido no dia 26 de abril, e durante esse tempo não pude usar minha garagem, tendo que deixar meu carro na rua. Novamente, no dia 1º de maio, quando estou preparado para sair com minha família de carro, sou impedido por esse mesmo que agora parece maior. Estou ilhado dentro da minha própria casa, pois não consigo tirar o meu carro. Já fiz vários contatos com a Águas de Niterói e até agora eles não mandaram ninguém para solucionar *o problema*. (*O Globo / Mala Direta*)

Na segunda tabela, que opõe rótulos anafóricos e catafóricos, mostra-se que há uma tendência maior ao uso do artigo no rótulo catafórico. Por outro lado, os demonstrativos predominam no rótulo anafórico. Esse resultado está de acordo com que se espera sobre o uso de *esse/essa* e *tal* porque esses pronomes (que aparecem na grande maioria dos casos) são pronomes mais usados para apontar para trás.

	Artigo		
	%	Apl./Total	P.R
Anafórico	59%	80 / 134	.36
Catafórico	92%	39 / 42	.86

Tabela 4 – Influência do fator anafórico/catafórico no uso de artigo em rótulos

Podemos observar aqui dois exemplos que ilustram este grupo de fatores. No primeiro, temos o rótulo “essa situação” se referindo anaforicamente ao “problema de iluminação pública”.

Já no segundo exemplo, podemos perceber que o rótulo “o restante do problema” se refere cataforicamente ao fato do Estado se encontrar omisso a problemas da cidade.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Exemplo VIII

Tiaia está às escuras

Há mais de uma semana, os moradores da Rua Tiaia, localizada em Rocha Miranda, estão enfrentando problemas na iluminação pública. A maioria das lâmpadas dos postes está danificadas. Durante esses dias, os moradores fizeram vários pedidos de reparo à Riolut mas nada é feito. Não aguentamos mais *essa situação*. (Extra)

Exemplo IX

Pais negligentes

Nós, pais de filhos adolescentes, teremos sempre a maior parcela de responsabilidade na educação e na formação deles. O que faltou à juíza enxergar *o restante do problema*. Nós pagamos impostos para um estado que não educa, não protege, não reprime e não investiga, para um Poder Legislativo que não cria condições para uma convivência mais civilizada em nossa sociedade, e para um Judiciário que não pune. Por favor, juíza, a dor de pais que perdem seus filhos de forma brutal, por si só, já mereceria uma análise mais complexa da senhora e de todos aqueles que são pagos por nós para mudar a realidade de nossas ruas. (O Globo)

Embora não selecionados, gostaria de destacar também o grupo de fatores “núcleo modificado ou não modificado”.

Na tabela abaixo podemos notar que há uma preferência do uso do artigo quando o rótulo é modificado:

	Artigo	
	Apl. / Total	%
Modificado	115 / 159	82%
Não modificado	14 / 17	66%

Tabela 5 –

Influência do fator modificado/não modificado no uso de artigo em rótulos

De modo semelhante ao rótulo, a Anáfora Indireta (AI) é um tipo especial de anáfora que remete de forma indireta ao cotexto antecedente. Trata-se de um tipo especial de anáfora que remete, de forma indireta, ao cotexto antecedente. Ou seja, diferentemente das anáforas diretas, não ocorre um processo de correferenciação, pois, não há um referente explícito e sim uma “âncora”, como propõe Marcuschi (*op. cit.*).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Inserir-se uma nova informação no discurso como se já fosse conhecida, podendo dar início a uma nova cadeia referencial. Desse modo, produzem uma “tematização remática”, ou seja, de alguma forma, são previsíveis devido ao contexto linguístico, mas ao mesmo tempo inserem elementos novos no discurso.

Exemplo X

Zoológico-SP

Quanto ao crime covarde ocorrido no zoológico de São Paulo, gostaria de saber se, quando for encontrado *o assassino*, ele poderá ser incurso no art. 270 do Código Penal. Já que *a pena* é de reclusão, ele ficaria *na cadeia*. O art. 270 prevê que envenenar água potável, de uso comum ou particular; substância alimentícia ou medicinal destinada a consumo é crime, sob a pena de reclusão de 10 a 15 anos. (*Jornal do Brasil*)

As palavras em negrito apresentam as características necessárias para serem classificadas como anáforas indiretas: são motivadas pelo contexto linguístico e ativam um novo referente, ao invés de reativarem alguma entidade, porém na forma de informação já conhecida, isto é, como SN definido. O autor da carta lança mão do sintagma “ao crime covarde” e, em seguida, insere elementos novos, as palavras em negrito, como informações já conhecidas.

Segundo Zamponi (*op. cit.*), há dois tipos de AI's, com base na relação entre o elemento anafórico e o contexto anterior. Caso a motivação para a introdução do elemento anafórico seja puramente lexical, tem-se uma *concepção estreita* desse fenômeno linguístico. Por outro lado, se o elemento anafórico preenche um papel temático previsível na sentença anterior, tem-se uma *concepção ampla* de anáfora indireta.

Retornando ao exemplo X, pode-se verificar que as palavras destacadas são facilmente inferíveis no texto, pois, mantêm relação semântica com o sintagma “ao crime covarde”, tratando-se, portanto de uma concepção estreita de AI.

Exemplo XI

Computador não chega no prazo

Comprei um computador no Ponto Frio em 26 de março. *A vendedora* prometeu a entrega do produto em dez dias. Na véspera de o prazo terminar, liguei para o Ponto Frio para saber se o produto seria realmente entregue no dia seguinte. *A atendente* disse que iria registrar uma reclamação, já que não constava nenhuma previsão de entrega. Esperei mais sete dias e liguei para a loja. *A vendedora* disse que o prazo era de 30 dias. (*O Globo / Mala Direta*)

Já nesse exemplo de carta extraído da seção Mala Direta d'O Globo, há dois exemplos de AI sob a concepção ampla. Tanto “a vendedora” como “a atendente” funcionam como argumento da proposição precedente em cada caso: “Comprei com *a vendedora*” e “Liguei para *a atendente*”.

Com isso, podemos verificar que demonstrativo e artigo não se encontram propriamente em variação livre, nos dados analisados. O artigo tende a aparecer mais em textos de narrativos, em uso catafórico e quando o rótulo apresenta algum modificador. Além disso, este trabalho também comprova o papel coesivo dos rótulos nos tipos de textos observados. Verificamos também a importância das AIs para uma compreensão mais abrangente das relações semânticas e pragmáticas dos elementos de um texto e a importância da percepção das AIs, do ponto de vista do leitor, no processo de inferência de sentidos e interpretação do texto como um todo, contribuindo, assim, na a progressão temática e na coesão e coerência do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas de leitores na sala de aula? In: DIONISIO, A. A; MACHADO, A. R & BEZERRA, M. A *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

BRAGA, Maria Luiza & OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de. Novas considerações a respeito de um velho tópico: a taxonomia novo/velho. In: _____. *Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. (Série Estudos)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

CASTILHO, Ataliba T. de. *Os mostrativos no português falado*. In: CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do português falado vol.III*. Campinas: Unicamp, 1993.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais — uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 44. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003.

_____. As nomeações em diferentes gêneros textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 41. Campinas: UNICAMP/IEL, 2001.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. *Clássicos da Linguística: Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

DREON DE ALBUQUERQUE, Ana Elisabeth. *Dificuldades de leitura em enunciados de problemas de matemática*. Dissertação de Mestrado Faculdade de Letras / UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

GILL, Francis. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. *Clássicos da Literatura: Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

GRYNER, Helena. A sequência argumentativa: estrutura e funções. *Veredas* v. 4 jul/dez 2000, UFJF, Juiz de Fora, 2000.

KOCH, Ingedore G. Villaça. A referenciação como atividade cognitivo-discursivo e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 41. Campinas: UNICAMP/IEL, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. A; MACHADO, A. R & BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

_____. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. In: *Atas da IV Jornada do CELSUL*. Curitiba, 2001.

MELO, A. L. C & PEREIRA, F. H *Referência variável à terceira pessoa em cartas de leitores*. Trabalho apresentado na XXVI Jornada de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ, 2004.

_____. *O SN como fator de continuidade tópica em cartas de leitores*. Trabalho apresentado na XXVI Jornada de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ, 2004.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Quando escrita e fala se aproximam: uso do pronome de terceira pessoa em cartas pessoais. In: MACE-DO, MOOLICA & RONCARATI (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. *Cartas cariocas*. A variação do sujeito na escrita informal. Tese de Doutorado. UFRJ, 1998. 330 p.

_____. *Gênero e tipos de texto*: problemas de superposição e segmentação. Palestra apresentada na Faculdade de Letras da UNESP – Araraquara, 2005.

_____. *Sintagmas nominais demonstrativos e definidos em gêneros da fala e da escrita*: um caso de variação? Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq em julho de 2005.

RONCARATI, Cláudia. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: M. C. Paiva e M. E. Duarte (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

ZAMPONI, Gabriela. O determinante demonstrativo em sintagmas nominais. *Cadernos de Estudo Linguísticos*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2001.

_____. Anáforas associativas actanciais e Nominalizações: delimitação do ponto de vista da semântica de eventos. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 44. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003.